

# OTHO RÜHLE E O MOVIMENTO OPERÁRIO ALEMÃO<sup>1</sup>

## PARTE II<sup>2</sup>

Paul Mattick<sup>3</sup>

### VI

Os soviets russos e os conselhos alemães de trabalhadores e soldados representavam o elemento proletário tanto na revolução russa quanto na alemã. Em ambas as nações, esses movimentos foram logo reprimidos por meios militares e judiciais. O que restou dos soviets russos após o firme entrenchamento da ditadura do partido bolchevique foi meramente a versão russa da última frente trabalhista nazista. O movimento do conselho alemão legalizado se transformou em um apêndice do sindicalismo e logo em um instrumento capitalista de controle. Mesmo os conselhos formados espontaneamente de 1918 eram - a maioria deles - longe de serem revolucionários. Sua forma de organização, baseada nas necessidades de classe e não nos vários interesses especiais resultantes da divisão capitalista do trabalho, era tudo o que era radical sobre eles. Mas quaisquer que sejam suas deficiências, deve-se dizer que não havia mais nada em que basear as esperanças revolucionárias. Embora freqüentemente se voltassem contra a esquerda, ainda se esperava que as necessidades objetivas desse movimento o levassem inevitavelmente a entrar em conflito com as potências tradicionais. Essa forma de organização deveria ser preservada em seu caráter original e construída em preparação para futuras lutas.

Pensando em termos de uma contínua revolução alemã, a "ultra-esquerda" estava comprometida com uma luta até o fim contra os sindicatos e contra os partidos parlamentares existentes; em resumo, contra todas as formas de oportunismo e compromisso. Pensando em termos da probabilidade de uma existência lado a lado com

---

<sup>1</sup> O alemão Otho Rühle (1874-1943) foi fundador (junto com Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo, entre outros) da Liga Espartaquista (1916). Extraído de: *Comunismo Anti-Bolchevique*. Londres: Merlin Press, 1978. Tradução do original em inglês de Angélica Lovatto.

<sup>2</sup> (...) Continuação do documento de Paul Mattick sobre Otho Rühle, iniciado no número anterior de *Novos Rumos*.

<sup>3</sup> Paul Mattick (1904-1981). Nasce na Alemanha, exila-se a maior parte de sua vida nos Estados Unidos da América. Foi militante espartaquista. Ao abandonar a Liga, adere ao Comunismo de Conselhos. Torna-se delegado do Conselho Operário das fábricas Siemens no período da Revolução Alemã de 1918.

as velhas potências capitalistas, os bolcheviques russos não podiam conceber uma política sem compromissos. Os argumentos de Lenin em defesa da posição bolchevique em relação aos sindicatos, parlamentarismo e oportunismo em geral elevaram as necessidades particulares do bolchevismo a falsos princípios revolucionários. No entanto, não serviria para mostrar o caráter ilógico dos argumentos bolcheviques, pois, por mais ilógicos que fossem os argumentos do ponto de vista revolucionário,

Os princípios de Lenin eram falsos do ponto de vista proletário tanto na Rússia quanto na Europa Ocidental, demonstrou Otto Rühle em vários panfletos e em numerosos artigos na imprensa da General Labour Union e na revista de esquerda de Franz Pfemfert, *Die Aktion*. Ele expôs o truque expediente envolvido em dar a esses princípios uma aparência lógica, um truque que consistia em citar uma experiência específica em um determinado período sob circunstâncias particulares, a fim de extrair conclusões de aplicação imediata e geral. Como os sindicatos tinham sido de algum valor, porque o parlamento já havia servido às necessidades de propaganda revolucionária, porque ocasionalmente o oportunismo resultou em certos ganhos para os trabalhadores, eles permaneceram para Lenin os médiums mais importantes da política proletária para todos os tempos e sob todas as circunstâncias. E como se tudo isso não confinasse o adversário, Lenin gostava de apontar que, independentemente de essas políticas e organizações serem ou não as certas, ainda era um fato que os trabalhadores aderiram a elas e que o revolucionário deve estar sempre onde as massas estão.

Essa estratégia fluiu da abordagem capitalista de Lenin à política. Nunca pareceu entrar em sua mente que as massas também estavam em fábricas e que organizações revolucionárias de fábricas não podiam perder contato com as massas, mesmo que tentassem. Nunca pareceu lhe ocorrer que, com a mesma lógica de manter os revolucionários nas organizações reacionárias, ele poderia exigir sua presença na igreja, nas organizações fascistas ou onde quer que massas pudessem ser encontradas. Certamente, este teria lhe ocorrido se houvesse a necessidade de se unir abertamente com as forças da reação, como aconteceu em um dia posterior sob o regime stalinista.

Ficou claro para Lenin que, para os propósitos do bolchevismo, as organizações do conselho eram as menos adequadas. Não existe apenas um pequeno espaço nas organizações de fábrica para os revolucionários profissionais, mas a experiência russa mostrou como era difícil "administrar" um movimento soviético. De qualquer forma, os

bolcheviques não pretendiam esperar por chances de interferência revolucionária nos processos políticos; eles estavam ativamente engajados na política cotidiana e preocupados com resultados imediatos a seu favor. Para influenciar o movimento trabalhista ocidental com o objetivo de controlá-lo, foi muito mais fácil entrar e lidar com as organizações existentes. Nas lutas competitivas travadas entre e dentro dessas organizações, eles viram uma chance de ganhar uma posição rapidamente. Construir organizações inteiramente novas, opostas a todas as existentes, seria tentar o que poderia ter resultados tardios - se é que há algum. Estando no poder na Rússia, os bolcheviques não podiam mais se dedicar a políticas de longo prazo; para manter seu poder, eles tinham que percorrer todas as avenidas da política, não apenas as revolucionárias. Deve-se dizer, no entanto, que, além de serem forçados a fazê-lo, os bolcheviques estavam mais do que dispostos a participar dos muitos jogos políticos que acompanham o processo de exploração capitalista. Para poderem participar, precisavam de sindicatos, parlamentos e partidos e também de partidários capitalistas, o que tornava o oportunismo uma necessidade e um prazer. os bolcheviques não podiam mais se dedicar à política de longo prazo; para manter seu poder, eles tinham que percorrer todas as avenidas da política, não apenas as revolucionárias. Deve-se dizer, no entanto, que, além de serem forçados a fazê-lo, os bolcheviques estavam mais do que dispostos a participar dos muitos jogos políticos que acompanham o processo de exploração capitalista. Para poderem participar, precisavam de sindicatos, parlamentos e partidos e também de partidários capitalistas, o que tornava o oportunismo uma necessidade e um prazer. os bolcheviques não podiam mais se dedicar à política de longo prazo; para manter seu poder, eles tinham que percorrer todas as avenidas da política, não apenas as revolucionárias. Deve-se dizer, no entanto, que, além de serem forçados a fazê-lo, os bolcheviques estavam mais do que dispostos a participar dos muitos jogos políticos que acompanham o processo de exploração capitalista. Para poderem participar, precisavam de sindicatos, parlamentos e partidos e também de partidários capitalistas, o que tornava o oportunismo uma necessidade e um prazer. os bolcheviques estavam mais do que dispostos a participar dos muitos jogos políticos que acompanham o processo de exploração capitalista. Para poderem participar, precisavam de sindicatos, parlamentos e partidos e também de partidários capitalistas, o que tornava o oportunismo uma necessidade e um prazer. os bolcheviques estavam mais do que dispostos a participar dos muitos jogos políticos que acompanham o processo de exploração capitalista. Para poderem participar, precisavam de sindicatos, parlamentos e partidos e também de partidários capitalistas, o que tornava o oportunismo uma necessidade e um prazer.

de sindicatos, parlamentos e partidos e também de partidários capitalistas, o que tornava o oportunismo uma necessidade e um prazer.

Não há mais necessidade de apontar para as muitas "ofensas" do bolchevismo na Alemanha e no mundo em geral. Na teoria e na prática, o regime stalinista declara-se um poder capitalista e imperialista, opondo-se não apenas à revolução proletária, mas até às reformas fascistas do capitalismo. E de fato favorece a manutenção da democracia burguesa, a fim de utilizar mais plenamente sua própria estrutura fascista. Assim como a Alemanha estava muito pouco interessada em espalhar o fascismo por suas fronteiras e fronteiras de seus aliados, uma vez que ela não tinha a intenção de fortalecer seus concorrentes imperialistas, a Rússia se preocupa em salvaguardar a democracia em todos os lugares, exceto em seu próprio território. Sua amizade com a democracia burguesa é uma verdadeira amizade; fascismo não é um artigo para exportação, pois deixa de ser uma vantagem assim que é generalizada. Apesar do pacto de Stalin-Hitler, não há maiores "antifascistas" do que os bolcheviques em nome de seu próprio fascismo nativo. Somente na medida em que sua expansão imperialista, se houver, será culpada de apoiar conscientemente a tendência fascista geral.

Essa tendência fascista geral não deriva do bolchevismo, mas o incorpora. Nasce das leis peculiares de desenvolvimento da economia capitalista. Se a Rússia finalmente se tornar um membro "decente" da família capitalista das nações, as "indecências" de sua juventude fascista serão, em alguns setores, confundidas com um passado revolucionário. A oposição ao stalinismo, no entanto, a menos que inclua oposição ao leninismo e ao bolchevismo de 1917, não é oposição, mas apenas uma disputa entre os concorrentes políticos. Na medida em que o mito do bolchevismo ainda é defendido contra a realidade stalinista, o trabalho de Otto Rühle em mostrar que o stalinismo de hoje é apenas o leninismo de ontem, ainda é de importância contemporânea, tanto mais que tentativas podem ser feitas para recapturar o passado bolchevique nos levantes sociais do futuro.

Toda a história do bolchevismo poderia ser antecipada por Rühle e pelo movimento da "ultra-esquerda" por causa de seu reconhecimento precoce do conteúdo real da revolução bolchevique e do caráter real do antigo movimento social-democrata. Depois de 1920, todas as atividades do bolchevismo só poderiam ser prejudiciais aos trabalhadores do mundo. Nenhuma ação comum com suas várias organizações foi mais possível e nenhuma foi tentada.

## VII

Juntamente com grupos de 'ultra-esquerdistas' em Dresden, Frankfurt am Main e outros lugares, Otto Rühle foi um passo além do antibolchevismo do Partido Comunista dos Trabalhadores e seus adeptos na União Geral dos Trabalhadores. Ele achava que a história dos partidos social-democratas e as práticas dos partidos bolcheviques provavam suficientemente que era inútil substituir os reacionários com os partidos revolucionários, porque a própria forma de partido da organização se tornara inútil e até perigosa. Já em 1920, ele proclamou que "a revolução não é um assunto de partido", mas exige a destruição de todos os partidos em favor do movimento do conselho. Trabalhando principalmente dentro da União Geral do Trabalho, ele agitou contra a necessidade de um partido político especial até que esta organização fosse dividida em dois. Uma seção (Allgemeine Arbeiter Union - Einheitsorganisation) compartilhava as opiniões de Rühle, a outra permanecia como a 'organização econômica' do Partido Comunista. A organização representada por Rühle inclinou-se para os movimentos sindicalistas e anarquistas sem, no entanto, desistir de sua Weltanschauung marxista. O outro se considerava o herdeiro de tudo o que havia sido revolucionário no movimento marxista do passado. Tentou criar uma Quarta Internacional, mas conseguiu apenas uma cooperação mais estreita com grupos semelhantes em alguns países europeus. O outro se considerava o herdeiro de tudo o que havia sido revolucionário no movimento marxista do passado. Tentou criar uma Quarta Internacional, mas conseguiu apenas uma cooperação mais estreita com grupos semelhantes em alguns países europeus. O outro se considerava o herdeiro de tudo o que havia sido revolucionário no movimento marxista do passado. Tentou criar uma Quarta Internacional, mas conseguiu apenas uma cooperação mais estreita com grupos semelhantes em alguns países europeus.

Na opinião de Rühle, uma revolução proletária só era possível com a participação consciente e ativa das amplas massas proletárias. Isso novamente pressupunha uma forma de organização que não podia ser controlada de cima, mas era determinada pela vontade de seus membros. A organização fabril e a estrutura da União Geral dos Trabalhadores impediriam, segundo ele, o divórcio entre interesses organizacionais e de classe; impediria o surgimento de uma poderosa burocracia servida pela organização em vez de servi-la. Por fim, prepararia os trabalhadores para assumir as indústrias e gerenciá-

las de acordo com suas próprias necessidades, evitando assim o surgimento de novos estados de exploração.

O Partido Comunista dos Trabalhadores compartilhava essas ideias gerais e suas próprias organizações de fábrica eram dificilmente distinguíveis daquelas que concordavam com Rühle. Mas o partido afirmou que, nesse estágio de desenvolvimento, a organização fabril não poderia garantir uma política revolucionária clara. Todos os tipos de pessoas entrariam nessas organizações, não haveria nenhum método de seleção adequada, e os trabalhadores politicamente subdesenvolvidos poderiam determinar o caráter das organizações, que, portanto, poderiam não ser capazes de cumprir os requisitos revolucionários do dia. Este ponto foi bem demonstrado pelo caráter relativamente atrasado do movimento do conselho de 1918. O Partido Comunista dos Trabalhadores sustentava que a consciência de classe, revolucionários treinados em Marx, embora pertencentes a organizações de fábrica, deveria, ao mesmo tempo,

O Partido Comunista dos Trabalhadores viu na posição de Rühle uma espécie de desapontamento buscando refúgio em uma nova forma de utopismo. Sustenta que Rühle meramente generalizou as experiências dos antigos partidos e insistiu que o caráter revolucionário de sua organização era o resultado de sua própria forma de partido. Rejeitou os princípios centralistas do leninismo, mas insistiu em manter o partido pequeno de modo que ele estivesse livre de todo oportunismo. Havia outros argumentos apoiando a ideia do partido. Alguns se referiam a problemas internacionais, alguns se preocupavam com as questões da ilegalidade, mas todos os argumentos não conseguiram convencer Rühle e seus seguidores. Eles viram no partido a perpetuação do princípio de massa-líder, a contradição entre partido e classe, e temiam uma repetição do bolchevismo na esquerda alemã.

Nenhum dos dois grupos pôde provar sua teoria. A história passou pelos dois; eles estavam discutindo no vácuo. Nem o Partido Comunista dos Trabalhadores nem os dois sindicatos gerais superaram o status de seitas "ultra-esquerdistas". Seus problemas internos tornaram-se bastante artificiais, pois realmente não havia diferença entre o Partido dos Trabalhadores Comunistas e a União Geral dos Trabalhadores. Apesar de suas teorias, os seguidores de Rühle também não funcionavam nas fábricas. Ambos os sindicatos entregaram-se às mesmas atividades. Portanto, todas as divergências teóricas não tinham significado prático.

Essas organizações - remanescentes da tentativa proletária de desempenhar um papel nos levantes de 1918 - tentaram aplicar suas experiências dentro de um desenvolvimento que se movia consistentemente na direção oposta àquela em que essas experiências se originaram. Somente o Partido Comunista, em virtude do controle russo, poderia realmente crescer dentro dessa tendência em direção ao fascismo. Mas, ao representar o russo, não o fascismo alemão, ele também teve que sucumbir ao emergente movimento nazista que, reconhecendo e aceitando as tendências capitalistas dominantes, finalmente herdou o antigo movimento operário alemão em sua totalidade.

Depois de 1923, o movimento alemão de "ultra-esquerda" deixou de ser um fator político sério no movimento operário alemão. Sua última tentativa de forçar a tendência de desenvolvimento em sua direção foi dissipada na atividade de curta duração em março de 1921 sob a liderança popular de Max Hoelz. Seus membros mais militantes, sendo forçados à ilegalidade, introduziram métodos de conspiração e expropriação no movimento, acelerando assim sua desintegração. Embora em termos organizacionais os grupos de "ultra-esquerda" continuassem a existir até o começo da ditadura de Hitler, suas funções restringiam-se àquelas dos clubes de discussão que tentavam entender seus próprios fracassos e os da revolução alemã.

## VIII

O declínio do movimento de "ultra-esquerda", as mudanças na Rússia e na composição dos partidos bolcheviques, a ascensão do fascismo na Itália e na Alemanha restauraram a velha relação entre economia e política que havia sido perturbada durante e logo após a primeira guerra Mundial. Em todo o mundo, o capitalismo estava agora suficientemente estabilizado para determinar a principal tendência política. Fascismo e bolchevismo, produtos de condições de crise foram - como a própria crise - também meios para uma nova prosperidade, uma nova expansão do capital e a retomada das lutas competitivas imperialistas. Mas, assim como qualquer crise maior aparece como a crise final para aqueles que mais sofrem, as mudanças políticas que a acompanham apareceram como expressões do colapso do capitalismo. Mas a grande diferença entre aparência e realidade, mais cedo ou mais tarde, transforma um otimismo exagerado em um pessimismo exagerado em relação às possibilidades revolucionárias. Duas formas, então, permanecem abertas para o revolucionário: ele pode capitular aos processos políticos

dominantes, ou pode se retirar para uma vida de contemplação e aguardar a mudança dos acontecimentos.

Até o colapso final do movimento operário alemão, a retirada da "ultra-esquerda" parecia ser um retorno ao trabalho teórico. As organizações existiam na forma de publicações semanais e mensais, panfletos e livros. As publicações asseguraram as organizações, as organizações as publicações. Enquanto as organizações de massas serviam a pequenas minorias capitalistas, a massa dos trabalhadores era representada por indivíduos. A contradição entre as teorias da "ultra-esquerda" e as condições prevalentes tornou-se insuportável. Quanto mais um pensamento em termos coletivos, mais isolado se tornou. O capitalismo, em sua forma fascista, apareceu como o único coletivismo real, o antifascismo como um retorno a um individualismo burguês primitivo. A mediocridade do homem capitalista e, portanto, o revolucionário sob as condições capitalistas, tornou-se dolorosamente óbvio dentro das pequenas organizações estagnadas. Mais e mais pessoas, partindo da premissa de que as condições objetivas "estavam maduras para a revolução", explicavam sua ausência com tais "fatores subjetivos", como falta de consciência de classe e falta de compreensão e caráter por parte dos trabalhadores. Essas carências, no entanto, precisavam ser novamente explicadas por "condições objetivas", pois as deficiências do proletariado resultavam indubitavelmente de sua posição especial dentro das relações sociais do capitalismo. A necessidade de restringir a atividade ao trabalho educacional tornou-se uma virtude: desenvolver a consciência de classe dos trabalhadores era considerada a mais essencial de todas as tarefas revolucionárias.

O colapso do *laissez faire*, o capitalismo e o crescente controle centralista sobre as massas sempre maiores através da produção capitalista e da guerra aumentaram o interesse intelectual nos campos anteriormente negligenciados da psicologia e da sociologia. Esses ramos da "ciência" burguesa serviram para explicar a perplexidade daquela parte da burguesia deslocada por concorrentes mais poderosos e daquela parte da pequena burguesia reduzida aos níveis proletários de existência durante a depressão. Em seus estágios iniciais, o processo de concentração capitalista de riqueza e poder foi acompanhado pelo crescimento absoluto das camadas burguesas da sociedade. Depois da guerra, a situação mudou; a depressão européia atingiu tanto a burguesia quanto o proletariado e geralmente destruiu a confiança no sistema e nos próprios indivíduos. Psicologia e sociologia, no entanto, não eram apenas expressões de



perplexidade e insegurança burguesas, mas, simultaneamente, serviam à necessidade de uma determinação mais direta do comportamento de massa e do controle ideológico do que o necessário sob condições menos centralistas. Aqueles que perderam o poder nas lutas políticas que acompanharam a concentração do capital, bem como aqueles que ganharam o poder, ofereceram explicações psicológicas e sociológicas para seus fracassos ou sucessos completos. O que um era o "estupro das massas" para o outro era uma visão recém-adquirida - a ser sistematizada e incorporada na ciência da exploração e controle - nos processos sociais, serviu para a necessidade de uma determinação mais direta do comportamento de massa e controle ideológico do que foi necessário sob condições menos centralistas. Aqueles que perderam o poder nas lutas políticas que acompanharam a concentração do capital, bem como aqueles que ganharam o poder, ofereceram explicações psicológicas e sociológicas para seus fracassos ou sucessos completos.

Sob a divisão capitalista do trabalho, a manutenção e extensão das ideologias predominantes é o trabalho das camadas intelectuais da burguesia e da pequena burguesia. Essa divisão do trabalho é, é claro, determinada mais pelas condições de classe existentes do que pelas necessidades produtivas da sociedade complexa. O que sabemos por meio de uma produção capitalista de conhecimento. Mas, como não há outro, a abordagem proletária de tudo o que é produzido pela ciência burguesa e pela pseudo-ciência deve ser sempre crítica. Fazer com que esse conhecimento sirva a outros fins que não capitalistas significa limpá-lo de todos os elementos que o entram relacionados com a estrutura de classes capitalista. Seria tão falso quanto seria impossível rejeitar por atacado tudo o que é produzido pela ciência burguesa. No entanto, só pode ser abordado com ceticismo. A crítica proletária - novamente por conta da divisão capitalista do trabalho - é bastante limitada. É de real importância apenas quando o conhecimento burguês lida com as relações sociais. Aqui suas teorias podem ser testadas quanto à sua validade e seu significado para as várias classes e para a sociedade como um todo. Surgiu, então, com a moda da psicologia e da sociologia, a necessidade de examinar as novas descobertas nesses campos do ponto de vista crítico das classes reprimidas.

Era inevitável que a moda da psicologia penetrasse no movimento operário. Mas toda a decadência desse movimento foi mais uma vez revelada por sua tentativa de usar as novas teorias da psicologia e da sociologia burguesas para uma investigação crítica de suas próprias teorias, em vez de usar a teoria marxista para criticar a nova pseudociência

burguesa. Por trás dessa atitude estava a crescente desconfiança do marxismo devido aos fracassos das revoluções alemã e russa. Por trás disso também estava a incapacidade de ir além de Marx em um sentido marxista, uma incapacidade claramente trazida à luz pelo fato de que tudo o que parecia novo na sociologia burguesa havia sido tirado de Marx em primeiro lugar. Infelizmente, do nosso ponto de vista, Otto Rühle foi um dos primeiros a revestir as ideias mais populares de Marx na nova linguagem da sociologia e psicologia burguesas. Em suas mãos, a concepção materialista da história agora se tornou "sociologia" na medida em que lidava com a sociedade; na medida em que lidava com o indivíduo, agora era "psicologia". Os princípios dessa teoria serviriam tanto à análise da sociedade quanto à análise das complexidades psicológicas de seus indivíduos. Em sua biografia de Marx, Rühle aplicou seu novo conceito psicossociológico de marxismo, que só poderia ajudar a apoiar a tendência de incorporar um marxismo emasculado à ideologia capitalista. Esse tipo de "materialismo histórico", que procurava por razões de "complexos de inferioridade e superioridade" nos infindáveis domínios da biologia, antropologia, sociologia, economia e assim por diante, a fim de descobrir um tipo de "equilíbrio de poder de complexos por meio de compensações", que poderia ser considerado o ajuste adequado entre indivíduo e sociedade, esse tipo de marxismo não foi capaz de servir a nenhuma das necessidades práticas dos trabalhadores, nem poderia ajudar na sua educação. Essa parte da atividade de Rühle, quer a avalie positiva ou negativamente, tem pouco ou nada a ver com os problemas que afligem o proletariado alemão. Portanto, é desnecessário lidar aqui com o trabalho psicológico de Rühle. Mencionamos isso, no entanto, pela dupla razão de que pode servir como uma ilustração adicional do desespero geral do revolucionário no período da contra-revolução e como uma manifestação adicional da sinceridade do revolucionário, Rühle, nas condições de desespero.

## IX

O triunfo do fascismo alemão acabou com o longo período de desânimo, desilusão e desespero revolucionários. Tudo ficou ao mesmo tempo mais claro; o futuro imediato foi delineado em toda a sua brutalidade. O movimento trabalhista provou pela última vez que a crítica dirigida contra ele pelo revolucionário era mais do que justificada. A luta da "ultra-esquerda" contra o movimento trabalhista oficial provou ter sido a única luta consistente contra o capitalismo que havia sido travada até o momento.

O triunfo do fascismo alemão, que não era um fenômeno isolado, mas estava intimamente ligado ao desenvolvimento prévio de todo o mundo capitalista, não causou, mas apenas ajudou a iniciar o novo conflito mundial das potências imperialistas. Os dias de 1914 haviam retornado. Mas não para a Alemanha. Os líderes trabalhistas alemães foram privados da "experiência comovente" de se declarar mais uma vez como os filhos mais verdadeiros da pátria. Organizar para a guerra significava instituir o totalitarismo, e isso significava que muitos interesses especiais precisavam ser eliminados. Sob as condições da República de Weimar e dentro do quadro do imperialismo mundial, isso só foi possível por meio de lutas internas. A "resistência" do movimento trabalhista alemão ao fascismo, em parte sincera, não deve, no entanto, ser confundida com uma resistência à guerra. No caso da social-democracia e dos sindicatos, não foi uma resistência, mas apenas uma abdicação acompanhada de protestos verbais para salvar a face. E mesmo isso ocorreu apenas na esteira da recusa de Hitler em incorporar essas instituições, em sua forma tradicional e com seus líderes "experientes", no esquema fascista das coisas. Nem a "resistência" da parte do Partido Comunista era uma resistência à guerra e ao fascismo como tal, mas apenas na medida em que eram dirigidos contra a Rússia. Se as organizações trabalhistas oficiais na Alemanha foram impedidas de se aliar à sua burguesia, em todas as outras nações elas o fizeram sem deliberação e sem luta. E mesmo isso ocorreu apenas na esteira da recusa de Hitler em incorporar essas instituições, em sua forma tradicional e com seus líderes "experientes", no esquema fascista das coisas. Nem a "resistência" da parte do Partido Comunista era uma resistência à guerra e ao fascismo como tal, mas apenas na medida em que eram dirigidos contra a Rússia. Se as organizações trabalhistas oficiais na Alemanha foram impedidas de se aliar à sua burguesia, em todas as outras nações elas o fizeram sem deliberação e sem luta.

Uma segunda vez em sua vida, o exilado Otto Rühle teve que decidir qual lado tomar na nova luta mundial. Desta vez, pareceu um pouco mais difícil, porque o totalitarismo consistente de Hitler foi projetado para evitar a repetição dos dias vacilantes

do liberalismo durante a última guerra mundial. Essa situação permitiu que a segunda guerra mundial se disfarçasse como uma luta entre a democracia e o fascismo e fornecesse aos chauvinistas sociais melhores desculpas. Os líderes trabalhistas exilados, em sintonia com as organizações trabalhistas de seus países adotivos, ainda podiam apontar as diferenças políticas entre as duas formas do sistema capitalista, embora não pudessem negar a natureza capitalista de suas novas pátrias. A teoria do mal menor serviu para tornar plausível a razão pela qual as democracias deveriam ser defendidas contra a disseminação do fascismo. Rühle, no entanto, manteve sua antiga posição de 1914. Para ele, o "inimigo ainda estava em casa", tanto nas democracias quanto nos estados fascistas. O proletariado não podia, ou não deveria, ficar do lado de nenhum deles, mas se opor a ambos com a mesma veemência. Rühle assinalou que todos os argumentos políticos, ideológicos, raciais e psicológicos oferecidos em defesa de uma posição pró-guerra não poderiam realmente encobrir a razão capitalista da guerra: a luta por lucros entre os concorrentes imperialistas.

Para Rühle, o fascismo e o capitalismo de estado não foram as invenções de políticos viciosos, mas o resultado do processo capitalista de concentração e centralização, no qual a acumulação de capital se manifesta. A relação de classe na produção capitalista é cercada por muitas contradições insolúveis. A principal contradição, segundo Rühle, está no fato de que a acumulação de capital significa também uma tendência a uma queda na taxa de lucro. Essa tendência pode ser combatida apenas por uma acumulação mais rápida de capital - o que implica um aumento da exploração. Mas, apesar do fato de que a exploração é aumentada em relação à taxa de acumulação necessária para evitar crises e depressões, os lucros continuam a mostrar uma tendência a cair. Durante as depressões, o capital é reorganizado para permitir um novo período de expansão de capital. Se, nacionalmente, uma crise implica a destruição de capital mais fraco e a concentração de capital por meio de negócios comuns, a reorganização internacional finalmente exige guerra. Isso significa a destruição das nações capitalistas mais fracas em favor dos imperialismos vitoriosos, a fim de provocar uma nova expansão de capital e sua maior concentração e centralização. Toda crise capitalista - neste estágio de acumulação de capital - envolve o mundo; Da mesma forma, toda guerra é ao mesmo tempo uma guerra mundial. Não são nações específicas, mas todo o capitalismo mundial é responsável pela guerra e pela crise. Isto, Rühle viu, é o inimigo e ele está em todo lugar. Isso significa a destruição das nações capitalistas mais fracas em

favor dos imperialismos vitoriosos, a fim de provocar uma nova expansão de capital e sua maior concentração e centralização. Toda crise capitalista - neste estágio de acumulação de capital - envolve o mundo; Da mesma forma, toda guerra é ao mesmo tempo uma guerra mundial. Não são nações específicas, mas todo o capitalismo mundial é responsável pela guerra e pela crise. Isto, Rühle viu, é o inimigo e ele está em todo lugar. Isso significa a destruição das nações capitalistas mais fracas em favor dos imperialismos vitoriosos, a fim de provocar uma nova expansão de capital e sua maior concentração e centralização. Toda crise capitalista - neste estágio de acumulação de capital - envolve o mundo; Da mesma forma, toda guerra é ao mesmo tempo uma guerra mundial. Não são nações específicas, mas todo o capitalismo mundial é responsável pela guerra e pela crise. Isto, Rühle viu, é o inimigo e ele está em todo lugar.

Para ter certeza, Rühle não tinha dúvidas de que o totalitarismo era pior para os trabalhadores do que a democracia burguesa. Ele lutou contra o totalitarismo russo desde a sua criação. Ele lutava contra o fascismo alemão, mas não podia lutar em nome da democracia burguesa porque sabia que as leis peculiares de desenvolvimento da produção capitalista transformariam a democracia burguesa, mais cedo ou mais tarde, em fascismo e capitalismo de Estado. Lutar contra o totalitarismo significava opor-se ao capitalismo em todas as suas formas. “Capitalismo privado”, ele escreveu, “e com isso a democracia, que está tentando salvá-lo, está obsoleta e segue o caminho de todas as coisas mortais. Estado-Capitalismo - e com ele o fascismo, que abre caminho para o crescimento e a tomada do poder. O velho se foi para sempre e nenhum exorcismo funciona contra o novo. Não importa o quanto tentemos reviver a democracia, Todos os esforços serão inúteis. Todas as esperanças de uma vitória da democracia sobre o fascismo são as ilusões mais crassas, toda crença no retorno da democracia como uma forma de governo capitalista tem apenas o valor de traição astuta e covarde auto-ilusão ... É a infelicidade do proletariado que suas organizações obsoletas baseadas em uma tática oportunista a tornam indefesa contra o ataque do fascismo. Perdeu, assim, a sua própria posição política no corpo político na atualidade. Deixou de ser um fator histórico na época atual. Ele foi varrido sobre o monte de lixo da história e apodrecerá do lado da democracia, bem como do lado do fascismo, pois a democracia de hoje será o fascismo de amanhã”. Toda crença no retorno da democracia como uma forma de governo capitalista tem apenas o valor de traição astuciosa e auto-ilusão covarde... É a desgraça do proletariado que suas organizações obsoletas, baseadas em uma tática oportunista, a tornem indefesa contra a

investida do fascismo. Perdeu, assim, a sua própria posição política no corpo político na atualidade. Deixou de ser um fator histórico na época atual. Ele foi varrido sobre o monte de lixo da história e apodrecerá do lado da democracia, bem como do lado do fascismo, pois a democracia de hoje será o fascismo de amanhã”.

## X

Embora Otto Rühle tenha encarado a segunda guerra mundial tão firmemente quanto enfrentou a primeira, sua atitude em relação ao movimento trabalhista foi diferente da de 1914. Dessa vez, ele não pôde deixar de estar certo de que “nenhuma esperança poderia surgir dos miseráveis remanescentes. do antigo movimento nas nações ainda democráticas para a insurreição final do proletariado e sua libertação histórica. Ainda menos esperança poderia surgir dos fragmentos surrados das tradições partidárias que foram espalhadas e derramadas na emigração do mundo, nem das noções estereotipadas de revoluções passadas, independentemente de alguém acreditar nas bênçãos da violência ou em uma transição pacífica”. No entanto, ele não olhou desesperadamente para o futuro. Ele tinha certeza de que novos impulsos e novos impulsos animariam as massas e as forçariam a fazer sua própria história.

As razões para essa confiança foram as mesmas que convenceram Rühle da inevitabilidade do desenvolvimento capitalista em direção ao fascismo e ao capitalismo de Estado. Baseiam-se nas contradições insolúveis inerentes ao sistema capitalista de produção. Assim como a reorganização do capital durante a crise é simultaneamente uma preparação para maiores crises, a guerra pode gerar apenas guerras maiores e mais devastadoras. A anarquia capitalista pode se tornar apenas mais caótica, não importa o quanto seus defensores tentem trazer ordem para ela. Partes sempre maiores do mundo capitalista serão destruídas para que os grupos capitalistas mais fortes possam continuar se acumulando. As misérias das massas do mundo se elevarão até que um ponto de ruptura seja alcançado e novos surtos sociais destruirão o sistema assassino da produção capitalista.

Rühle era tão pouco capaz quanto qualquer outra pessoa no momento de declarar por que meios específicos o fascismo seria superado. Mas ele tinha certeza de que a mecânica e a dinâmica da revolução passarão por mudanças fundamentais. Na auto-expropriação e proletarização da burguesia pela segunda guerra mundial, na superação do

nacionalismo pela abolição dos pequenos estados, na política mundial capitalista de Estado baseada nas federações estaduais, ele viu não apenas o lado imediatamente negativo, mas também o aspectos positivos de fornecer novos pontos de partida para ações anticapitalistas. Até o dia de sua morte, ele estava certo de que o conceito de classe iria se espalhar até que fomentasse um interesse majoritário no socialismo. Ele procurou que a luta de classes se transformasse de uma categoria ideológica abstrata em uma categoria econômica prática-positiva. E ele imaginou a ascensão dos conselhos de fábrica dentro do desdobramento da democracia trabalhista como uma reação ao terror burocrático. Para ele, o movimento trabalhista não estava morto, mas ainda deveria nascer nas lutas sociais do futuro.

Se Rühle, finalmente, não tinha mais nada a oferecer do que a "esperança" de que o futuro resolveria os problemas que o antigo movimento trabalhista não conseguiu resolver, essa esperança não nasceu da fé, mas do conhecimento, que consistia em reconhecer tendências sociais reais. Não continha uma pista sobre como alcançar a necessária transformação social. Exigia, no entanto, dissociação de atividades fúteis e organizações sem esperança. Exigia o reconhecimento dos motivos que levaram à desintegração do antigo movimento operário e à busca dos elementos que apontam para as limitações dos sistemas totalitários vigentes. Exigia uma distinção mais nítida entre ideologia e realidade, a fim de descobrir nos últimos os fatores que escapam ao controle dos organizadores totalitários. Quão pouco ou quanto é necessário para transformar a sociedade é sempre descoberto apenas após esse fato. Mas a escala de equilíbrio da sociedade é delicada e é particularmente sensível na atualidade. Os controles mais poderosos sobre os homens são realmente fracos quando comparados com as tremendas contradições que afetam o mundo de hoje. Otto Rühle estava certo em assinalar que as atividades que acabarão por derrubar a escala da sociedade em favor do socialismo não serão descobertas por meios e métodos relacionados a atividades prévias e organizações tradicionais. Elas devem ser descobertas dentro das relações sociais mutáveis que ainda são determinadas pela contradição entre as relações capitalistas de produção e a direção em que as forças produtivas da sociedade estão se movendo.